

É preciso arrumar a casa. Opinião de dois ex-ministros.

— Não existe nada delineado no horizonte, pois tão logo fique claro e isento de novas pesadas, mudará totalmente o panorama.

A afirmação foi feita ontem no Rio pelo ex-ministro Octávio Gouveia de Bulhões, que considera que o atual governo carece de um programa econômico definido, razão pela qual no momento falta confiança quanto a uma firme recuperação.

Mesmo assim, disse que a situação do Brasil é muito boa, considerando a expectativa existente no meio rural, onde se produz grande parte das exportações do País, uma vez que todos pensam de forma diferente dos que vivem em áreas urbanas no tratamento dos problemas econômicos.

— Existe toda uma situação para mudanças, bastando para tal um pouco de juízo e harmonia.

Para o ex-ministro da Fazenda do governo Castello Branco, a discussão sobre os

problemas de dívida externa deve ter por base a resolução das graves questões econômicas internas, por entender que o Fundo Monetário Internacional (FMI) está muito mais preocupado com isso.

Entre os pontos que devem ser de imediato resolvidos, citou a redução do déficit público e a reversão do processo inflacionário:

— Eu sou adepto da eliminação da inflação de maneira rápida e decisiva e acredito que neste particular penso de uma maneira muito mais radical do que o FMI.

Na sua opinião, os erros da política econômica interna não têm nada que ver com o FMI, razão pela qual "primeiro temos de nos disciplinar, para depois conversar com o Fundo, situação que talvez nem seja preciso". Opinião idêntica foi expressa pelo ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, que, em companhia de Bulhões, convocou a Imprensa para anunciar a reali-

zação, nos dias 16, 17 e 18 de outubro, no Rio, do Seminário Internacional de Capitalização e Desenvolvimento, promovido pelo Comitê de Divulgação do Mercado de Capitais (Codimec).

Bulhões não quis entrar em considerações mais aprofundadas sobre renegociação da dívida externa, alegando não participar da equipe do governo e das partes interessadas. Sobre a decisão do novo governo do Peru de limitar o pagamento de sua dívida externa a 10% do resultado das suas exportações, limitou-se ao seguinte comentário:

— Nós estamos discutindo coisas sérias. Acho isso um romance e, especificamente, os 10% um capítulo desse romance.

Quanto ao tratamento do déficit público, tanto Bulhões como Simonsen foram categóricos em afirmar que sua redução está diretamente ligada à substituição de empréstimo por capital próprio das empresas estatais.